

Igreja recompõe história da área dos tapebas

4468
O prefeito Domingos Pontes, de Caucaia, sancionou ontem a lei oriunda da Câmara Municipal que dispõe sobre a proteção ambiental da bacia do rio Ceará. Enquanto a providência se consuma a nível local, a Arquidiocese de Fortaleza está insistindo junto às autoridades federais, no sentido de desafiar as terras próximas ao mangue, ocupadas há anos pela comunidade indígena.

Para ilustrar a procedência da reivindicação, o setor próprio da Arquidiocese levantou a história da posse da gleba ora ocupada pelos remanescentes dos tapebas, destacando a sua condição de área verde destinada à manutenção do ecossistema.

O documento é o seguinte:

1. Já proclamava em 1922, o insigne Dr. Raimundo Francisco Ribeiro que "Dia a dia, desde a época da conquista do Ceará pelos colonos, o machado, a foice e o fogo desses desbravadores, que, apesar de civilizados, se revelaram, com o seu sistema de explorar o solo, mais bárbaros do que os selvagens que

eliminaram ... (vide bula de 4 de maio de 1945, do papa Alexandre VI). Desde a referida época, os sobreditos instrumentos de destruição têm transformado em campo aberto os logares que, sob o domínio dos aborígenes, ostentavam opulenta vegetação... Barra do Ceará, que das cartas holandesas de 1637 se vê dar entrada a navios de tres mastros, esta inteiramente trancada (citando João Brígido).

(...) Mais do que os exploradores do sólo cearense são responsáveis pela destruição das mattas, que o cobriam, os poderes públicos ... Rios do Ceará, que perenes se tornaram periódicos e de estreitos e fundos se tornaram largos e rasos, por efeito da destruição das mattas que os protegiam nas nascentes ... (Dr. Raimundo Francisco Ribeiro, Fortaleza, abril 1922, em RT do Instituto do Ceará, Tomo XXXVI 1922, p. p. 346-350).

2. Quando estava perto de concretizar-se a construção do porto de Fortaleza por ordem do governo presidente Epitácio Pessoa, o historiador Barão de Studart cita esta

informação sobre o que era a enseada de Fortaleza há mais de um século antes, no tempo do governo Sampaio: "A villa de Fortaleza de N. S. da Assumpção tem uma enseada de 2 léguas de L. a O. e meia légua de N. a S. formada pela ponta da barra do rio Seará Occidental, onde podem ancorar qualquer navio (Barão de Studart, Fortaleza, 1924, em RT do Instituto do Ceará, Tomo XXXVIII, p 14).

3. O Rio Ceará nasce no termo de Maranguape e forma-se da junção, muito acima da fazenda Rodeador, do riacho Bom Princípio, que nasce nos montes dos salgados, com jandayra, que nasce no serrote do marinho e tem antes de entrar no termo de Soure (Caucaia) o nome de Jaramatia. Engrossado pelas águas do riacho da Tucunduba, vindas do lado ocidental da serra de Maranguape, corre pelo sertão de criação chamado Ribeiro, recebe abaixo da Estrada de Soure (Caucaia) o Maranguapinho e vae lançar-se no Oceano légua e meia a Noroeste de Fortaleza No tempo de Santos Vilhena (1802) o rio Ceará era navegável ate Soure, ... tendo 50

quilômetros de curso (idem, p. 26-29).

4. Existente nas vizinhanças do rio Ceará (e de Mucuripe) a tatajuba ou tatarema, tataíba, tatajuba, tataí... - pau de tinta, madeira de cor amarela, da família das urticáceas, boa matéria corante para tinturaria, também utilizada em construções - era levada pelos europeus juntamente com papagaios, bugios (macacos), pimenta, algodão, redes de dormir ... Numa relação de escambo entre os indígenas e os europeus, a madeira era trocada por artigos de ferro (cf o ilustre Dr. Raimundo Girão, Fortaleza, 1984, em "Pequena História do Ceará", pp. 33,34 e 50).

5. Após terem abandonado a idéia de seguir para o Maranhão, desceram a Serra Grande, em busca do mar, os jesuitas Francisco Pinto e Luis Figueira (1608). O padre Figueira, protegido pelo filho mais velho do chefe indígena Cobra-Azul, foi recebido na barra do Ceará" com festas, caminhos feitos, emboscadas simbólicas, tamborins, etc. e uma casinha muito bonita de pindoba". Tendô que continuar sua viagem,

padre Figueira deixava aí "aqueles índios animados e com a esperança de que os brancos não mais os escravizariam, nem lhes fariam guerra" (idem, p. p. 40-44). Vide mápas em anexo.

6. Com a finalidade de por em prática a posse lusa, chega ao Ceará o português Martim Soares Moreno em 1611. Conseguindo um tratado de paz com os Tapuya, auxiliado pelo chefe indígena de 4 aldeias, Jacaúna, constrói um fortim na barra do Ceará (forte de São Sebastião arrasado pelos indígenas em 1644) Idem p 46 e Pompeu Sobrinho em "Tres Documentos do Ceará Colonial, no 8 da Col. História e Cultura, do Instituto do Ceará, 1967, p. 43 Os Tapeba de Caucaia, fazem parte do tronco Tapuya.

7. O memorável J. Capistrano de Abreu igualmente registra que foi junto ao rio Ceará que Martim Soares Moreno lança os fundamentos de um forte. Aquele ponto do rio Ceará era conhecido como excelente aguada daqueles europeus inimigos dos lusos (vide "Capítulos de História

Colonial" 1500-1800 p. 127 do autor).

8. Dr. Pedro Théberg também se refere à barra do rio Ceará citando que o missionário, já aludido anteriormente, fora recebido com festa pelos indígenas (vide "Esboço Histórico sobre a Província do Ceará, p. 36). E Dr. Raimundo Girão menciona à pág. 162 de "Tres Documentos do Ceara Colonial", que Pero Coelho de Sousa pretendia estabelecer a "Nova Lisboa" (1603) na foz do rio Ceará, como capital do sonhado domíniq. Antes de Martim Soares Moreno, ele ergueu ali no rio Ceará um forte que recebeu o nome de S. Tiago, forte este que o próprio dr. Girão faz referência como tendo sido o presidio levantado pelo primeiro colonizador cearense (cf Matias Beck - Fundador de Fortaleza no. 5 da Col. História e Cultura, Instituto do Ceará, 1961, p. p. 46-50 e "Chorographia Província do Ceará, por José Pompeu de A. Cavalcante, Rio de Janeiro, 1888 p. 182). Outra alusão ao histórico rio Ceará vem do fato de ali existir grande número de indígenas que se estendia "até o lugar Aldeota, onde era o foco da população indígena" (idem. p. 49).

9. De enorme significado social é o fato de Martim Soares Moreno solicitar de Portugal a compensação dos serviços que prestara aqui no Ceará. Foi-lhe conferida a Capitania do Ceará por dez anos, pela Carta Régia de 26 de maio de 1619. Todavia somente em 1621, pode tomar conta da concessão. E, no ano de 1631, deixando o Ceará para sempre, "jamais exerceu por si ou por alguém qualquer ato de posse ou utilização sobre sua decantada sesmaria, que automaticamente voltou ao domínio do Rei. Caducou, tornando-se devoluta a terra doada...

Como terra assim pertencente à Coroa...logo em 1681 (Com efeito, pois é de depois do ano de 1678) foi concedido em sesmaria à Confraria de N. Senhora da Assunção - do rio Ceará a Barra dele, caminhando para esta Fortaleza (do Pajeú), e cheia dita légua de costa para o sertão ou para onde o rumo correr dez léguas, havendo respeito a estarem elas devolutas e desembargadas...(Data de 26 de outubro de 1681, firmada pelo Capitão-mor Sebastião de Sá). Dr. Raimundo Girão se reporta ao fato, em "Matias Beck- Fundador de Fortaleza", p. p. 66 e 68, tendo como fonte a Revista do Instituto Histórico do Ceará, Vol. 8, p. 102).